



O violoncelista de Sarajevo

PAUL SULLIVAN

COMO PIANISTA, fui convidado para tocar com o violoncelista Eugene Friesen no Festival Internacional de Violoncelo em Manchester, na Inglaterra. De dois em dois anos um grupo dos maiores violoncelistas do mundo e outros dedicados a esse instrumento despretensioso – fabricantes de arcos, colecionadores, historiadores – encontram-se para uma semana de atividades, aulas de mestres, seminários, recitais e festas. Todas as noites os cerca de 600 participantes reúnem-se para um concerto.

O espetáculo da estréia no Royal Northern College of Music constou de

peças para solos de violoncelo. Ali, no palco do magnífico salão de concertos, havia uma cadeira solitária. Nem piano, nem estante de música, nem estrado de regente. O espetáculo seria de música de violoncelo na sua forma mais pura e intensa. A atmosfera estava carregada de expectativa e concentração.

O violoncelista Yo-Yo Ma, de fama mundial, foi um dos artistas naquela noite de abril de 1994, e havia uma história comovente por trás da composição que ele ia tocar.

No dia 27 de maio de 1992, em Sarajevo, uma das poucas padarias que ainda tinham um estoque de farinha esta-



Com sua música, ele desafiou a morte e a destruição que o cercavam

va fazendo e distribuindo pão para o povo faminto e arrasado pela guerra. Às 4 horas da tarde, uma fila comprida estendia-se pela rua. De repente, um morteiro caiu bem no meio da fila, matando 22 pessoas e espalhando carne, sangue, ossos e entulho.

Perto dali morava um músico de 35 anos chamado Vedran Smailovic. Antes da guerra ele tinha sido violoncelista da Ópera de Sarajevo, carreira de destaque à qual ele pacientemente esperava retornar. Mas quando viu a carnificina do massacre diante da sua janela, foi levado além de sua capacidade de absorver e suportar. Angustiado, re-

solveu fazer o que fazia melhor: música. Música para o povo, música ousada, música num campo de batalha.

Em cada um dos 22 dias seguintes, sempre na mesma hora, Smailovic vestiu seu traje oficial de concerto, pegou seu violoncelo e saiu para a rua em meio à batalha travada à sua volta. Colocando uma cadeira junto da cratera que a bomba tinha feito, tocou em memória dos mortos o *Adágio de Albinoni em sol menor*, uma das peças mais melancólicas do repertório clássico. Tocou para as ruas abandonadas, caminhões destruídos e prédios incendiados e para as pessoas aterrorizadas que se escondiam nos porões enquanto as bombas caíam e as balas zuniam. No meio das explosões, firmou sua posição incrivelmente corajosa pela dignidade humana, pelos que tinham tombado pela guerra, pela civilização, pela compaixão e pela paz. Embora os bombardeios continuassem, Smailovic nunca foi ferido.

Depois que os jornais descobriram a história desse homem extraordinário, David Wilde, compositor inglês, ficou tão comovido que também resolveu fazer música. Escreveu uma composição para um solo de violoncelo, *O violoncelista de Sarajevo*, na qual extravasou seus próprios sentimentos de indignação, amor e fraternidade para com Vedran Smailovic.

Era *O violoncelista de Sarajevo* que Yo-Yo Ma ia tocar naquela noite. Ma subiu ao palco, cumprimentou a plateia e sentou-se tranquilamente. A música começou, insinuando-se pelo salão silencioso e criando um universo sombrio, vazio, sinistro e obsessivo. Aos

poucos foi crescendo até atingir uma fúria angustiada, aguda e fustigante, que se apossou de todos nós antes de baixar finalmente a um estertor oco e, depois, ao silêncio.

Quando terminou, Ma ficou debruçado sobre seu violoncelo, o arco poucado nas cordas. Ninguém no salão se mexeu, nem fez qualquer ruído, por muito tempo. Era como se nós mesmos tivéssemos acabado de presenciar aquele massacre apavorante.

Por fim, Ma olhou para a platéia e estendeu a mão, chamando alguém para subir ao palco. Um choque elétrico incrível nos percorreu quando nos demos conta de quem era: Vedran Smailovic, o violoncelista de Sarajevo!

Smailovic levantou-se e caminhou em direção a Ma, que saiu do palco para ir ao seu encontro. Eles se abraçaram efusivamente. Todos na sala entraram em delírio – batiam palmas, gritavam e davam vivas.

E no meio de tudo aquilo estavam aqueles dois homens, abraçando-se e chorando sem o menor acanhamento. Yo-Yo Ma, um príncipe cortês e elegante da música clássica, com seu aspecto e desempenho impecáveis; e Vedran Smailovic, trajando uma roupa de couro de motociclista. Os cabelos compridos e desgrenhados e o enorme bigode emolduravam um rosto envelhecido prematuramente, ensopado de

lágrimas e enrugado pelo sofrimento.

Todos nos sentimos despojados de qualquer outra coisa que não os sentimentos mais profundos de humanidade ao ver aquele homem que brandia seu violoncelo diante das bombas, da morte e da ruína, desafiando tudo. Era a espada de Joana d'Árc – a arma mais poderosa de todas.

Uma semana depois que voltei, estava tocando piano para os internos de um sanatório. Não pude deixar de comparar aquele concerto com o que eu tinha visto no festival. Havia semelhanças profundas entre as duas situações. Com sua música, o violoncelista de Sarajevo tinha desafiado a morte e o desespero, tinha celebrado o amor e a vida. E lá estávamos nós, um coro de vozes rouquenas acompanhadas por um piano gasto, fazendo a mesma coisa. Não havia bombas nem balas, mas havia um sofrimento real – vistas turvas, uma solidão esmagadora, todas as marcas que acumulamos em nossas vidas – e, como consolo, apenas recordações preciosas. Mas assim mesmo, cantávamos e batíamos palmas.

Foi aí que me dei conta de que a música é uma dádiva de que todos partilhamos igualmente. Quer a criemos, quer apenas escutemos, é uma dádiva que pode nos aliviar, inspirar e unir, muitas vezes quando mais precisamos – e menos esperamos.

UMA VEZ, NO SUPERMERCADO, reparei num homem de idade que parecia andar me seguindo por todo o lado. Comecei a desconfiar que ele estava interessado em mim. Quando escolhia uns ovos, senti uma palmadinha nas costas. Virei-me, e vi que era o mesmo homem.

– Minha senhora – disse ele por fim. – Este é o meu carrinho de compras.

Ezell Lackey, EUA